

CONJUNTURA

Aposta na Copa do Mundo

Proximidade do evento com datas tradicionais, como Natal e réveillon, anima segmento de bares e restaurantes. Cerca de 45% dos empresários afirmam que têm a intenção de contratar funcionários no período de fim de ano

» RAFAELA GONÇALVES
» FERNANDA STRICKLAND

Os últimos meses do ano prometem aquecer o setor de bares e restaurantes. Além das festas tradicionais, como Natal e réveillon, a Copa do Mundo, que este ano tem início em novembro, promete movimentar o segmento. Um levantamento feito pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), realizado com 1.709 empresários em todo o país, apontou que 45% deles têm a intenção de contratar funcionários até o fim do ano — sendo que 25% revelaram já ter aumentado o quadro de funcionários em setembro. Outros 51% têm a expectativa de manter o time atual e apenas 4% dizem que irão realizar demissões.

O presidente executivo da Abrasel, Paulo Solmucci, explicou que, nos últimos dois anos, o setor perdeu muitos postos de trabalho. “Os dois períodos em que o setor mais demitiu trabalhadores foram em março de 2020 e em meados de maio de 2021. Juntando esses dois momentos, nós perdemos 1,3 milhão de postos de trabalho”, disse. “Agora, o setor está tendo uma retomada. Até setembro de 2022, já recuperamos 1,2 milhão de postos. Neste final de ano, estamos recuperando cerca de mais 100 mil vagas.”

Solmucci apontou que, superada a pandemia, o setor está evoluindo. “Estamos crescendo 5% em termos reais, acima da inflação, sobre o ano passado. Quando se olha para 2019, que é pré-pandemia, nós estamos em 8% em termos reais acima. Ou seja, estamos faturando bastante”, observou.

Ainda segundo o presidente-executivo da Abrasel, o número de empresas que estão

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Estabelecimentos vêm se recuperando dos efeitos da pandemia, que chegou a provocar a demissão de 1,3 milhão de trabalhadores no setor

contratando funcionários é alto, mas não surpreende. “Estamos acompanhando de perto a movimentação dos estabelecimentos e já prevíamos a melhora dos indicadores na economia. Estamos entrando em um ciclo virtuoso nos próximos meses, com vários fatores contribuindo positivamente: o fim da pandemia, a melhora no poder aquisitivo, os benefícios sociais como o Auxílio-Brasil, a baixa nos índices de desemprego, o aumento de pessoas frequentando bares e restaurantes depois de tempos tão difíceis”, afirmou.

Solmucci destacou que a redução da inflação geral é muito

importante para os negócios, pois permite a redução nos custos para um setor que estava há meses pressionado, segurando os repasses do cardápio e absorvendo parte importante dos aumentos. “A cereja do bolo é a Copa do Mundo em novembro, estamos muito animados”, acrescentou.

Entre os empresários que pretendem contratar trabalhadores, 63% apontam como motivo o aumento de demanda previsto, em função dos eventos. Também chama a atenção o número de empresas que buscam mais gente para ampliar o negócio com novos produtos e

serviços (11%) ou para abrir filiais (9%). Além disso, 25% procuram profissionais para recompor o quadro e readequar a empresa à nova configuração de mercado pós-pandemia.

Apesar da procura, nem todos os empresários estão encontrando os profissionais desejados. A quase totalidade (99%) dos entrevistados que pretende contratar disse ter algum grau de dificuldade na seleção. Quanto mais especializado o profissional, mais difícil de encontrar. É o caso de cargos como padeiro e sommelier, apontados como alto grau de dificuldade para contratação por 72% e 71% dos respondentes,



Vivemos uma retomada. Até setembro, já recuperamos 1,2 milhão de postos. Neste final de ano, estamos recuperando mais 100 mil vagas”

Paulo Solmucci, presidente executivo da Abrasel

Cresce consumo nos supermercados

» RAPHAEL PATI*

O consumo de alimentos vendidos em supermercados segue crescendo no Brasil, como indica um levantamento conduzido pela Associação Brasileira de Supermercados (Abas). A pesquisa indicou que em agosto, esse índice teve aumento de 7,23%, comparado ao mesmo mês do ano passado. O consumo também cresceu em relação ao ano passado. Nos oito primeiros meses deste ano, o aumento é de 2,67%, frente ao mesmo período em 2021.

Se comparado com julho, o mês de agosto teve um resultado ainda mais expressivo, com 6,12% de crescimento. Segundo o vice-presidente da Abas, Marcio Milan, a alta do consumo é resultado da queda da inflação nos últimos meses e dos programas sociais do governo. “Na conjuntura econômica, o crescimento das vagas de emprego formal, o aumento no valor dos benefícios sociais, como o Auxílio Brasil, e a queda nos preços dos alimentos contribuíram para o crescimento do consumo”, avaliou Milan.

O levantamento também identificou recuo nos preços de alimentos vendidos em supermercados. Segundo a Abas, a queda foi de 9,89% no preço médio dos produtos no terceiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano anterior. É a segunda deflação seguida medida pelo levantamento, que destaca a queda de alimentos básicos como leite, óleo de soja, feijão e açúcar como fatores decisivos para o resultado.

Em agosto, o preço do leite longa vida registrou queda de 13,71%. Outros alimentos também seguiram essa tendência, como óleo de soja (-6,27%), feijão (-4,78%), tomate (-3,82%), carne bovina (-1,17%) e açúcar refinado (-1,07%).

» Vendas sobem no Dia das Crianças

As vendas na semana que antecede o Dia das Crianças subiram 6,4% este ano contra igual período em 2021, de acordo a Serasa Experian. Foi o melhor desempenho desde 2012, quando houve alta de 7,7%. Para o economista da Serasa Experian, Luiz Rabi, o desempenho do varejo na data é fruto de uma conjuntura econômica positiva. “O recuo da inflação, principalmente sobre os preços dos combustíveis e da energia elétrica, trouxe uma redução de custos capaz de incentivar o consumo. Dessa forma, o comércio físico deve se fortalecer mais nos próximos meses contando, inclusive, com as datas comemorativas de final de ano”, afirmou.

Houve aumento entre outros produtos, como cebola (11,22%), farinha de mandioca (3,98%), batata (2,76%) sabão em pó (2,42%) e sabonete (1,94%), consideradas as principais altas, segundo a associação. “A deflação já começa a ser percebida pelo consumidor nas gôndolas do supermercado, principalmente nos alimentos que foram fortemente impactados pelo conflito no Leste Europeu, como o óleo de soja e outros derivados das commodities agrícolas. Outros fatores, como o fim da entressafra na cadeia leiteira tendem pressionar menos o preço dos lácteos, que tiveram alta expressiva nos últimos meses”, analisou Milan.

A partir dos últimos resultados, a Abas também revisou a projeção de crescimento

Arquivo/Agência Brasil



Índice de agosto aumentou 7,23% em comparação ao mesmo mês de 2021, segundo a Abas

do consumo das famílias neste ano, de 2,8% para um crescimento de 3% a 3,3%.

Cesta básica

O valor médio da cesta básica de alimentos, em setembro, caiu em relação ao mês anterior em quatro das oito capitais analisadas mensalmente pela plataforma Cesta de Consumo Horus & FGV-Ibre. A queda variou de 2,3% a 0,8% e, nas quatro cidades onde houve aumento, as variações foram de 0,1% a 5,5%.

As cidades que registraram as maiores altas foram Belo Horizonte (5,5%) e Brasília (3,6%). Já São Paulo e Salvador apresentaram as maiores quedas, com 2,3% e 2,1%, respectivamente. A cesta mais cara, apesar de

queda em relação ao mês anterior, continua a ser a do Rio de Janeiro (R\$ 878,14), seguida pelas de São Paulo (R\$ 868,20) e Fortaleza (R\$ 795,10). Por outro lado, as capitais Belo Horizonte (R\$ 670,55), Manaus (R\$ 679,85) e Curitiba (R\$ 726,75) registraram os menores valores.

Dos 18 produtos da cesta básica, três apresentaram aumento de preço em todas as capitais: frutas, farinha de mandioca e massas alimentícias. Por outro lado, o óleo de soja apresentou queda em todas as cidades pesquisadas. Outros produtos que apresentaram altas expressivas em diversas capitais foram legumes (em especial, a cebola), pão e ovos.

*Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo

respectivamente. Chef de cozinha (62%), gerente (59%) e profissional de TI (39%) também estão em falta no mercado. No entanto, os profissionais mais procurados não são os de maior qualificação. A maior procura é por cargos de auxiliar de cozinha (há vagas abertas em 59% dos estabelecimentos), garçom (55%) e atendente/cumin (49%).

Dificuldades

Encontrar bons profissionais sempre foi uma dificuldade do setor, de acordo com o presidente-executivo da Abrasel, o que se torna mais evidente em momentos de alta demanda. “Os estabelecimentos acabam formando muita gente, mas isso leva tempo e exige investimento. Além disso, na dinâmica do nosso setor, o garçom de hoje é o empresário de amanhã, e muita gente trocou o emprego por um negócio próprio, como microempresário, durante a pandemia. Então encaramos esta dificuldade como algo transitório”, explicou Solmucci.

A pesquisa revelou também que a situação econômica dos estabelecimentos está se estabilizando. Depois de aumentos constantes nos últimos meses no número de empresas realizando lucro, o índice se estabilizou em 45%. Também o mesmo número de respondentes disse ter trabalhado em setembro com equilíbrio financeiro (36%) ou com prejuízo (19%), exatamente os mesmos números relativos ao desempenho no mês de agosto.

Caiu, no entanto, o número de empresas inadimplentes no regime do Simples: 31% disseram estar com parcelas em atraso. O número é menor do que o apurado em agosto (36%), julho (38%) e junho (42%). Cerca de 84% das empresas respondentes da pesquisa se encontram enquadradas neste regime fiscal.

Indústria: confiança diminui

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) caiu 2,6 pontos em outubro na comparação com setembro, ficando em 60,2 pontos. O dado foi apresentado nesta quinta-feira, 13, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e é reflexo de uma moderação das expectativas relativas aos próximos seis meses.

O recuo ocorre após sucessivos avanços do otimismo do setor industrial ao longo deste ano. Mas, apesar da queda, destaca a CNI, o dado segue positivo porque está acima da linha de corte de 50 pontos, que separa a confiança da falta de confiança.

O ICEI é composto pelo Índice de Condições Atuais e o Índice de Expectativas. O indicador que mede as condições atuais recuou 1,5 ponto em outubro, para 56,9 pontos.

“Ao permanecer acima dos 50 pontos, o índice continua apontando melhora das condições atuais da economia brasileira e das empresas frente aos seis meses anteriores. A melhora, porém, é mais moderada que em setembro, especialmente na avaliação dos empresários com relação às suas próprias empresas”, destaca a CNI.

Já o Índice de Expectativas teve queda de 3,2 pontos para 61,18 pontos. Apesar de permanecer acima dos 50 pontos, demonstrando expectativas otimistas para os próximos seis meses, “o otimismo se mostra mais moderado” que o registrado em setembro.

A pesquisa foi feita entre os dias 3 e 7 de outubro, com 1.459 empresas, sendo 572 de pequeno porte, 535 de médio porte e 352 de grande porte.